

Um garoto sabe tudo sobre um crime

Genézio, um menino de 15 anos, é a principal testemunha da morte de Chico Mendes

EDILSON MARTINS
Especial para O Estado

Um garoto, 15 anos, cabelos acaju — “para despistar os perseguidores” —, desde os sete anos criado pelo “velho” Darly Alves na fazenda Paraná, município de Xapuri, é hoje a peça mais importante para se desvendar a articulação do assassinato do líder sindical e seringueiro Chico Mendes. Ele é considerado a principal testemunha do crime.

Genézio Barbosa da Silva é o nome dele. A partir da confirmação do seu depoimento, no fórum de Xapuri, ao juiz Aldair Longuini, sobre os crimes a que assistiu na fazenda Paraná, sua vida não vale uma penca de bananas. Desde o dia 25 de dezembro está confinado na delegacia de Xapuri, sob guarda policial, mas a figurinha esquelética, de memória privilegiada e olhar inteligente, guarda certamente os mais caros mistérios que envolvem a trama do assassinato de Chico Mendes. Ele, mais que ninguém, sabe que maracanã na muda não deve cantar.

A IMPORTÂNCIA

O delegado Nilson Alves de Oliveira observa que tudo que Genézio Barbosa disse até agora

confere com as investigações da polícia. A única coisa que depõe contra Genézio é sua idade. “Para nós, ele não constitui testemunha, é apenas um informante”, diz Oliveira. A defesa da família Alves, a principal envolvida no crime, está solicitando um exame de sanidade mental do menino. “O Genézio nada tem de insano”, garante o delegado.

Para quem vive no eixo Xapuri / Brasília, cidades do interior do Acre, e conhece de perto a eficiência do ritual das mortes anunciadas, sem dúvida a grande insanidade de Genézio Barbosa da Silva é cometer a loucura de testemunhar em juízo contra a sinistra família Alves. No mais, trata-se de um garoto inteligente, que nunca amou os Beatles, jamais dormiu num sleeping-bag e que aos 15 anos incompleto — nasceu em 26 de agosto de 1975 — raramente sorri, já exibindo a postura de seriedade de um adulto amadurecido por caminhos perversos.

A um olhar mais atento pode-se descobrir a criança escondida, que sonha um dia ter uma bicicleta, adora o programa dos Trapalhões na TV, é capaz de ficar uma noite inteira vendo filmes e se confessa muito “ligado” em novelas. Quando alguém lhe pergunta por que pintou os cabelos cor de caju, ele sorri: “Para despistar o pessoal. A gente nunca sabe, né?”, responde.



Genézio: cabelos acaju e a vida dentro de uma delegacia de polícia nos últimos quatro meses

Edilson Martins

Depois da morte, um festim

Eis alguns trechos do depoimento mais importante do inquérito que apura as conexões do assassinato de Chico Mendes:

“Dia 25, fez quatro meses que estou entre a delegacia e o quartel da PM. Não gosto de delegacia. Lá, na ausência do delegado Nilson, sou maltratado. Principalmente pelos policiais Tojinho e Iran. O José Elias (ligado à família Alves, garante Izamar Mendes) também me maltrata. Eles dizem que estão brincando e me batem. Já chegaram a me colocar no xadrez duas vezes”.

“Eu morava na fazenda Paraná com o ‘velho’ Darly. Uma de minhas irmãs vivia com o Olossi, filho do Darly.”

“A fazenda Paraná era visitada pelo João Brando (presidente da UDR), pelo Benedito Rosas, pelo Gastão Mota, pelo delegado Enock (todos apontados pela família de Chico Mendes como mandantes do crime).”

“Na fazenda, eles me batiam para eu não contar os segredos deles. Eu sabia da morte do Raimundo Pereira, que pediu a mão da filha do ‘velho’ Darly. Então Olossi ‘arranjou’ uma briga com o Raimundo. Foi a desgraça do Raimundo. Eu passava a cavalo e ouvi os gritos dele. Ele pedia pelo amor de Deus para não morrer. Mataram ele devagarinho. Cortaram o nariz, as orelhas. Quando cheguei em casa, Olossi e Darly encostaram a faca na minha barriga. Então eu prometi que nada contaria.”

“Os bolivianos passaram na casa do Mineirinho e pediram água. Mineirinho deu mas avisou os meninos Darly e Olossi. Eles foram ao encalço dos bolivianos e encontraram uma droga branca na bagagem dos dois. Eles foram mortos a tiros pelo Darly e pelo Olossi. Dois dos irmãos Mineirinhos participaram. Eles andavam sempre com revólver e uma 7,65.”

“Uma vez eles me deram uma arma. Um revólver 22. Terminei devolvendo.”

“Desde meados do ano passado, eles diziam que iam matar Chico Mendes. Que ele não teria nem um ano de vida. O ‘velho’ Darly dizia que ia pedir a Chico para ser seu compadre. Dizia mesmo que era para poder matar melhor.”

“O ‘velho’ Darly prometeu — e cumpriu — que, no dia em que Chico Mendes morresse, matava uma vaca. No dia 23 de

dezembro, eles festejaram matando uma vaca. Todo mundo comeu. Eu também comi. Os PMs que procuravam os assassinos também comeram da vaca.”

“Eu não quero continuar aqui em Xapuri. Quero ir para Rio Branco, estudar.”

“O Darly me dava muitos tapas. Até hoje só fui visitado, uma única vez, pela minha mãe e um irmão. Ninguém mais veio me visitar. (Quem visitar Genézio Barbosa, mesmo parente, fica marcado.) Eu não tinha medo de morrer, porque vivia garantindo que nada contaria.”

“Eu não estou feliz. O ‘velho’ Darly me tirou da escola dizendo que lá eu poderia falar demais. Dizia que aula não enchia barriga de ninguém.”

“Eu me lembro muito bem:

às 11 horas do dia 22 de dezembro, o Darly e o Jardeir (um dos três irmãos Mineirinhos) chegaram à fazenda garantindo que o Chico Mendes não infernizaria mais a vida de ninguém”.

“Quando o ‘velho’ Darly viajava, pedia para eu vigiar as mulheres dele. Eu via tudo, mas não era besta de falar. O Darly (filho de Darly) tinha um caso com a Margareth, a mulher mais bonita do Darly.”

“Um dia, um dos ‘grandes’ que visitavam a fazenda foi indagado pelo ‘velho’ Darly: ‘Posso mandar matar Chico Mendes?’ Ele respondeu: ‘Pode, desde que seja como as outras mortes; não dê rolo. Ai, a gente ajuda no que puder.’ Não digo o nome do ‘grande’, porque só vou dizer para o juiz (Aldair Longuini, da Comarca de Xapuri).”



Izamar, com os filhos de Chico Mendes: suspeitas

Edilson Martins

Família está envolvida em outros casos

Desde que assumiu a presidência do inquérito para apurar o assassinato de Chico Mendes, o delegado Nilson Alves de Oliveira, acreano, policial que passa uma transparente confiabilidade, equilíbrio e moderação, virtudes nem sempre dominantes em sua categoria nessa região, desmembrou nove inquéritos sobre assassinatos — todos eles tendo como envolvidos a família de Darly e Alvarino Alves. Dos nove, quatro já estão concluídos: os autores foram identificados e comprovou-se sua participação nos assassinatos.

Entre as vítimas estão dois bolivianos — Fernando Rojas e Victor Lauro — e Antônio Gomes de Vasconcelos, o Porco, assassinado a mando de Gastão Mota, que, segundo o delegado Nilson Oliveira, era amigo íntimo da família Alves. Outra vítima, Raimundo Pereira, era peão da fazenda Paraná, de Darly Alves. Raimundo cometeu a ingenuidade de, trabalhando na fazenda, pedir a filha do patrão em casamento. Foi morto com requintes de crueldade, perdendo primeiro as orelhas, o nariz e os lábios. Os irmãos Darly Alves e Olossi Alves, ajudados por Jardeir Pereira Mineirinho, teriam, segundo o delegado, assassinado Raimundo a mando do velho Darly Alves.

Para auxiliá-lo nos inquéritos, o delegado precisou trazer policiais de Rio Branco, capital do Acre, porque havia a suspeita de os policiais de Xapuri estarem envolvidos com a família Alves. Até mesmo o último delegado titular de Xapuri, Antônio Magalhães, era apontado como cúmplice da família. “Todos os dias, antes da morte do Chico, os irmãos Olossi e Darly visitavam Magalhães”, lembra Izamar Gadelha Mendes, mulher de Chico Mendes. “O cinismo era tão grande”, completa o delegado Nilson Oliveira, “que quando ocorria um crime envolvendo os Alves os próprios integrantes da família vinham fazer a denúncia na delegacia”.

Delegado agora quer chegar aos mandantes

Decorridos 128 dias do assassinato de Chico Mendes, grande parte da conexão que organizou sua morte ainda permanece em mistério. Darly Alves, suposto mandante, e seu filho Darly Alves — ex-réu confesso — estão presos, mas os irmãos Mineirinhos (Amadeus, Sérgio e Jardeir Pereira), assim como Alvarino Alves, irmão de Darly, todos envolvidos, permanecem foragidos. E todos eles são apontados como o rabo da cobra.

O delegado Nilson Alves de Oliveira, 27 anos, que preside os inquéritos, pede tempo e recursos para chegar à cabeça da cobra. Mesmo admitindo que o assassinato de Chico Mendes não é um caso simples, Oliveira observa que os criminosos cometeram falhas.

Um dos “furos” apontado por ele foi a demora da família na articulação da morte de Chico Mendes. “Mata agora, não mata, não é o momento ainda. Com isso iam fazendo diferentes reuniões”, lembra ele. “Reuniam-se em Brasília, numa churrascaria, no Clube Rio Branco, na prefeitura, na fazenda do velho Darly, e foram deixando rastros, a partir dos quais localizamos pistas e identificamos pessoas”, completa ele.

Em suas investigações, Nilson Oliveira chegou à rede de jagunços e matadores profissio-

nais que auxiliava a família Alves nos assassinatos que promoviam. “Darly e Olossi, filho do velho Alves, eram os líderes desta gangue”, afirma o delegado. “Eles eram temidos pela frieza e violência.” O atentado contra os seringueiros na sede do IBDF, onde algumas pessoas foram baleadas, principalmente menores, foi liderado pelos dois irmãos, lembra Oliveira.

Na última entrevista de Chico Mendes, concedida em 9 de dezembro ao Jornal do Brasil, ele denuncia a articulação da UDR com o superintendente da Polícia Federal, Mauro Spósito. Mais tarde, após sua morte, divulgou-se uma carta aberta em que Chico Mendes dava os nomes dos mandantes. Identificava, portanto, a cabeça da cobra.

Para o delegado Nilson Oliveira, Chico Mendes chegou aos nomes porque tinha um ou mais informantes entre os seus matadores. “Isso está muito claro para mim”, observa ele. Chico Mendes, por isso, segundo Oliveira, deu as dicas para identificar e localizar os mandantes e executores de sua morte. “A questão é que no Brasil não é tão difícil identificar os executores, mas os mandantes”, diz Oliveira. “Chico levou para a sepultura o nome de seu informante, mas quem sabe se sua esposa, Izamar Mendes, um dia não poderá nos ajudar?”



Darly Alves, o mandante: churrasco de comemoração

Edilson Martins